

## GUIA PARA SE CONHECER OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO POÉTICA NO BRASIL

Álvaro Faleiros (DLM)

Mesmo se praticada desde os primórdios da história da literatura ocidental, a tradução poética só se tornou tema de pesquisas sistemáticas muito posteriormente, apenas consolidando-se como campo de estudo no século XX. No caso do Brasil, os escritos sobre tradução poética, para além dos prefácios e notas de alguns textos clássicos, como é o caso dos trabalhos de Odorico Mendes sobre Homero, os levantamentos e estudos envolvendo a tradução poética são obra de tradutores e poetas que desenvolveram suas obras na segunda metade do século XX. Entre nós dispomos de alguns poucos livros que versam sobre o tema, mas que formam um conjunto importante para aquele que deseja conhecer o assunto. Faremos uma apresentação cronológica dessas publicações, levando em conta, no caso das recolhas de artigos, as datas das primeiras publicações. Vale salientar que não se trata de um levantamento exaustivo, mas que serve para introduzir o leitor interessado em compreender melhor a tradução poética de línguas modernas europeias para o português.

1. Nas décadas de 1940 e 1950, há uma série de trabalhos embrionários daquilo que virá a ser os estudos em torno da tradução poética. Trata-se de alguns levantamentos de traduções de determinados poetas, mas, diferentemente do que acontecia no século XIX, quando as antologias não vinham acompanhadas de reflexões sobre o ato tradutório, estas são acompanhadas de estudos e comentários sobre as traduções<sup>1</sup>. Como exemplos podemos citar: **Verlaine: Poesias escolhidas**, de Onestaldo de Pennafort. (Porto Alegre, Globo, 1945). No volume, o autor, além de suas próprias traduções, recolheu as de outros poetas que haviam, como ele, vertido Verlaine para o português. Entre eles encontram-se Batista Cepelos, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Alphonsus de Guimaraens e Dante Milano. No livro, há também estudos introdutórios sobre a poesia de Verlaine e um extenso levantamento sobre

---

<sup>1</sup> Como exemplos de antologias do século XIX podemos citar, com organização de Macedo Soares, *Lamartineanas — Poesias de Affonso de Lamartine traduzidas por poetas brasileiros*. Rio de Janeiro, Liv. da Casa Imperial de Dupont & Mendonça, 1869; ou ainda, com organização de Múcio Teixeira, as *Hugonianas — poesias de Victor Hugo traduzidos por poetas brasileiros*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885. Inspirados por essas recolhas há, nas primeiras décadas do século XX, trabalhos como: Álvaro Reis. *Musa Francesa*. Salvador, 1917; Olegário Mariano. *Antologia de Tradutores*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932. Em 1936, Guilherme de Almeida publica *Poetas de França*; ainda que não haja nenhum levantamento de traduções anteriores, nela o organizador escreve um prefácio em que antecipa algumas discussões que serão levadas adiante por autores como Haroldo de Campos.

os tradutores do poeta em língua portuguesa. Outro livro que segue o modelo é **Versões poéticas de Victor Hugo** de Tavares Bastos (Petrópolis, Agisa, 1952). Publicado para comemorar o 150º aniversário do poeta francês, Bastos faz um levantamento de todos os poemas de Victor Hugo publicados traduzidos até então para o português. Ele os classifica livro por livro e os faz acompanhar de um “Índice dos tradutores”. A esse levantamento bibliográfico, Bastos acrescenta uma segunda parte, que intitula de “Traduções e Comentários”. Nela, o autor se debruça sobre quatro poemas de Victor Hugo. Nos quatro casos, propõe uma nova tradução sua, à qual acrescenta outras traduções. Desse modo, Bastos assume plenamente o seu lugar de retradutor. O interesse que desperta a publicação é aumentada pelas distintas relações que se estabelecem entre a nova tradução que apresenta e as reescritas anteriores.

2. Os anos 1960 marcam uma mudança de rumo nos estudos sobre tradução poética, cabendo a Haroldo de Campos um papel de destaque. Para conhecer o pensamento de Haroldo de Campos sobre o assunto, recomenda-se **Transcrição** (São Paulo, Perspectiva, 2013). Mesmo se os textos de Haroldo de Campos sobre tradução começam a ser publicados no início dos anos 1960, foi necessário esperar que Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega organizassem um volume, publicado postumamente, para que os principais escritos de Haroldo de Campos sobre o assunto fossem reunidos. Ali encontram-se desde textos seminais, como “Da tradução como criação e como crítica”, de 1962, até textos em que faz uma síntese e uma atualização de seu próprio pensamento sobre o assunto, como em “Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora”, de 1985, no qual reconhece a importância de Jakobson, mas sobretudo de Walter Benjamin, para o desenvolvimento de sua teoria da tradução. Não por acaso, há no livro uma série de escritos em torno da teoria benjaminiana da tradução. No conjunto merece destaque a série de escritos em torno da cultura, da história e da ideologia, nos quais o autor aponta para aspectos que permitem pensar de modo instigante o lugar da tradução no Brasil. O posfácio de Marcelo Tápia é bastante esclarecedor e permite ao leitor situar melhor o papel que Haroldo de Campos ocupa como pensador da tradução no cenário internacional.
3. Na década de 1970, paralelamente à consolidação do pensamento de Haroldo de Campos, começa a se desenvolver a pesquisa universitária em torno da tradução literária. **Byron no Brasil: traduções** de Onédia Célia de Carvalho Barboza (São Paulo, Ática, 1974) é um bom exemplo. Fruto de sua tese de doutorado defendida na USP em 1969, este é provavelmente o primeiro estudo universitário publicado em livro sobre tradução poética no Brasil. Nele a autora faz, primeiramente, uma introdução ao byronismo no Brasil, ao qual se segue um levantamento dos tradutores brasileiros de Byron acompanhado de uma cronologia das traduções.

Diferentemente dos trabalhos desenvolvidos nas décadas anteriores, há uma segunda parte em que a autora faz uma extensa e fundamentada “análise crítica das traduções”. Como fundamentação teórica, ao lado de estudos tais como os de Antônio Candido, José Aderaldo Castelo e Otto Maria Carpeaux, encontram-se textos de referência sobre tradução à época como os de Jakobson, Larbaud e Mounin.

4. A década de 1980 ainda é dominada pelo pensamento de Haroldo de Campos e da prática tradutória de Augusto de Campos, mas surgem vozes dissonantes, sendo a principal delas, no que diz respeito à tradução poética, a de Ana Cristina César. No final da década de 1980 foram reunidos os escritos da autora sobre tradução sob o título de **Escritos da Inglaterra** (São Paulo, Brasiliense, 1988). Esse livro, hoje bastante raro, felizmente foi reeditado conjuntamente com outros textos teóricos de Ana C. com o título de **Crítica e Tradução** (São Paulo, Ática, 1999). Ali é possível encontrar sua dissertação de mestrado defendida na Inglaterra e que consiste numa tradução comentada do conto “Bliss” de Katherine Mansfield, que tem servido de modelo para muitas outras dissertações cujo método é a tradução comentada. Encontram-se também outros ensaios que merecem destaque, como “Traduzindo o poema curto”, ou ainda o ousado “Bastidores da tradução”, em que a autora faz uma crítica pertinente ao projeto tradutório de Augusto de Campos.
5. Outro livro importante da década de 1980 é **Tradução a ponte necessária** (São Paulo, Ática, 1990). José Paulo Paes reúne ali seus principais artigos escritos ao longo da década, a grande maioria deles dedicados à poesia. Ele abre o livro com “A tradução literária no Brasil”, certamente uma das mais importantes sínteses de que dispomos sobre o assunto. A ele se segue “Sobre tradução de poesia: alguns lugares comuns e outros nem tanto”, leitura indispensável para quem quer compreender como se dá o complexo jogo de compensações que formam o que o próprio autor chama de “matemática poética”. Os outros ensaios do livro não são menos relevantes, permitindo ao leitor compreender melhor o impasse de Manoel Bandeira diante da tradução, ou ainda debruçar-se sobre uma análise de como opera a crítica de tradução e sua precariedade no sistema literário brasileiro.
6. Mesmo tendo se desenvolvido desde os anos 1970 no campo da tradução, o pensamento de inspiração estruturalista só encontrou uma voz à altura do desafio de sistematizar, no Brasil, de modo claro seu potencial, no que concerne a tradução poética, no final dos anos 1980 com a tese de Mário Laranjeira sobre o assunto. Publicada com o título **Poética da tradução: do sentido à significância** (São Paulo, Edusp, 1993). Esse livro, hoje um clássico, desenvolve a

noção de tradução semiótico-textual, compreendida como um complexo que envolve tanto aspectos linguísticos quanto retóricos-formais, sem esquecer-se da dimensão semântica. Seu método claro e eficiente tem servido de modelo para gerações de pesquisadores interessados em tradução poética.

7. Para aqueles que se interessam por estudos de caso, há um conjunto notável de livros em torno da tradução do poema “O corvo” de Edgar Allan Poe. No primeiro deles, **Mallarmé e Pessoa perante o “Corvo” de Edgar Allan Poe** (Rio de Janeiro, Casa das Beiras, Rio de Janeiro, 1968), Manuel Tânger apresenta duas das mais famosas traduções do poema. Trata-se de um breve ensaio, mas que permite ao leitor compreender como se pode, do ponto de vista linguístico e estilístico, comparar duas traduções. Ivo Barroso, três décadas depois, organiza uma edição bem mais completa, intitulada **“O Corvo” e suas traduções** (Rio de Janeiro, Lacerda, 1998). Apesar de lermos curiosos comentários como o que fez sobre Baudelaire e Mallarmé que, segundo o autor, foram “incapazes de reproduzir, em língua francesa, as cores, os timbres e os ritmos do original” sem historicizar suas escolhas, o texto de Barroso mostra como se pode argumentar em favor de um determinado projeto tradutório. O terceiro livro, organizado por Cláudio Weber Abramo, intitulado **“O Corvo” — gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe** (São Paulo, Hedra, 2011) mostra claramente que a retradução é prática altamente dinâmica. Diferentemente de Barroso, Abramo se interessa mais por aspectos sintáticos e semânticos, analisando e criticando, sob esse viés, consagradas traduções. Para aquele que interessa em mergulhar no universo das comparações de tradução, a leitura desse conjunto é bastante recomendada pois reúne mais de uma dezena de traduções diferentes.
8. Paulo Henriques Britto é reconhecidamente um dos mais importantes e experientes tradutores tanto de prosa como de poesia hoje no Brasil. Desde os anos 1980, começou também a publicar ensaios sobre o assunto, nos quais desenvolve um pensamento próprio acerca da tradução poética. Em **A tradução literária** (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012), ele dedica um longo capítulo à tradução de poesia. Nele é possível identificar alguns dos grandes temas caros ao autor, como tradução como correspondência, tradução e verossimilhança, critérios objetivos para avaliação de tradução poesia. Trata-se de obra imprescindível para se conhecer a tradução poética.
9. Em **Traduzir o poema** (São Paulo, Ateliê, 2012), Álvaro Faleiros procura sistematizar suas reflexões sobre tradução poética a partir de discussões sobre a espacialidade, o metro, a rima e

o verso livre. Em cada um dos capítulos, após sistematizar discussões sobre os aspectos formais, o autor, a partir de poetas de língua francesa como Apollinaire e Mallarmé, dá exemplos que apontam tanto para uma leitura mais semiótica quanto para as possibilidades de projetos tradutórios que lidam de modo mais flexível com a dimensão significante do poema.

10. Hoje o Brasil conta com um conjunto considerável de revistas dedicadas à tradução, onde é possível encontrar grande número de artigos dedicados à tradução poética. Entre elas, destacam-se *Tradução e Comunicação*, *Cadernos de Tradução*, *TradTerm*, *Cadernos de Literatura em Tradução*, *Tradução em Revista*, *Belas Infiéis...* Entretanto não foram elas que produziram os números temáticos mais atuais de que dispomos sobre o assunto. Nesse sentido, vale destacar dois números recentes, nos quais foram reunidos artigos inéditos de grandes pesquisadores da área. São eles o **número 76 da Revista Estudos Avançados** da USP (2012), cujo dossiê organizado por Alfredo Bosi sobre tradução literária versa essencialmente sobre poesia e o **número 197 da Revista Tempo Brasileiro** (2014), organizado por Walter Carlos Costa e Andréia Guerini, este sim intitulado “Tradução poética”.